

## TRABALHO E SOCIABILIDADE: MEMÓRIA DOS SALÕES DE BAILE DA REGIÃO DA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO DE PELOTAS (1950-1970)

**MACIEL, Luísa Lacerda<sup>1</sup>; FERREIRA, Maria Leticia Mazzuchi<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas - luisamaciel@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – leticiamazucchi@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado tem por objeto de pesquisa os espaços de sociabilidade comunitários, mais especificamente os salões de baile, relacionados com o trabalho fabril na região colonial da cidade de Pelotas (RS). A partir de entrevistas, e em outras fontes documentais como as fotografias, busca-se recompor o cenário em que se deram essas festividades, bem como a identificação de elementos constitutivos da memória social dos agentes sociais.

Trabalhos recentes que abordam o tema patrimônio cultural e memória social irão voltar sua atenção para zona rural, caracterizando sua paisagem, arquitetura, costumes e tradições, por exemplo, como “patrimônio cultural rural” (Panis, 2008; Silva, 2009). Nesse contexto, a colônia de imigração da região de Pelotas (RS) vem sendo analisada em virtude de suas diversas manifestações culturais, como, por exemplo, o trabalho de Panis (2008), que ressalta a cultura italiana considerando

“(…) a arquitetura e a paisagem rural, os costumes e tradições italianas que representam o conjunto do arranjo espacial, como casas de pedra, moinhos, cantinas de vinho, ferramentas de trabalho, dentre outros; e da reprodução social cotidiana como a religiosidade, técnicas de trabalho, a produção do vinho, práticas de lazer a festas religiosas, (...)” (s.p.)

A vinda dos imigrantes para a região de Pelotas está inserida no processo de substituição da mão-de-obra escrava no Brasil – a partir de 1850 – e a consequente queda na produção das charqueadas. O Governo Imperial, nesta época, realiza a busca de terras devolutas, que deveriam ser demarcadas e colonizadas. Segundo Peixoto (2003), na região da Serra dos Tapes, a colonização se deu através de dois processos diferentes: a imigração espontânea, que ocorreu ao longo de algumas décadas e a imigração organizada (pelo governo ou particulares). Charqueadores e estancieiros vislumbraram na imigração uma fonte de enriquecimento, sustentando um movimento de especulação fundiária, conforme afirma Grando (1990). Segundo o autor, esses charqueadores, “(...) apossavam-se das terras de mato contíguas as suas propriedades e transformavam-nas em colônias a serem vendidas aos imigrantes, retendo para si, todavia, as terras planas. O sistema de colonização privada juntou-se, assim, à colonização oficial.” (p. 18). A partir desse processo de intensificação da colonização da zona sul do Rio Grande do Sul começa a surgir os estabelecimentos agrícolas de caráter familiar.

No período compreendido entre os anos 1890 e 1910, o estado do Rio Grande do Sul assiste ao surgimento de novas colônias e nelas desenvolveram-se pequenas comunidades, muito dispersas e com grandes dificuldades de comunicação. O esforço por viabilizar a sobrevivência das famílias resultou no aparecimento de pequenas fábricas artesanais nestas comunidades que

desenvolviam não apenas suprimentos, mas ferramentas. Eram pequenas economias em cada região do Estado e que somente em 1920 começaram a se integrar a mercados mais distantes. (Caruso, 2008, p. 16)

Na colônia Maciel (7º distrito de Pelotas), por exemplo, a base econômica era a agricultura. Cultivavam o milho, a uva e árvores frutíferas, das quais iniciaram a produção de compotas caseiras. (Peixoto, 2003). A dificuldade de comunicação entre a cidade e a colônia (Peixoto, 2003) e entre as próprias colônias (Caruso, 2008), resultaram num esforço para viabilizar a sobrevivência das famílias, levando ao aparecimento de fábricas de caráter artesanal. Com o passar dos anos, desenvolvem-se “(...) moinhos, vinícolas, pequenas fábricas de compotas, doces em pasta e embutidos atrelados às propriedades rurais e que conferiam um caráter diversificado às colônias.” (Caruso, 2008, p. 15).

Com base nas entrevistas de descendentes de imigrantes italianos, Peixoto (2003) ressalta a existência, desde o início da colonização, de uma inter-relação entre os espaços – as lavouras, os currais e as casas... A importância dessa relação residia no fato de que era indispensável agilidade no trabalho, e a participação de todos os membros da família. Segundo ela, o primeiro modelo de assentamento desses colonos serviu de base para o modelo atual que caracteriza a propriedade rural. As alterações neste espaço, provocadas com o tempo, devido a melhores condições financeiras, ou de novos padrões culturais, não afetaram por completo as condições de trabalho e as relações pessoais (Peixoto, 2003).

Santos (1986) afirma que o espaço é um testemunho. Segundo ele, o espaço,

(...) testemunha um momento de um modo de produção pela memória do espaço construído, das coisas fixadas na paisagem criada. Assim o espaço é uma forma, forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrario, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto que outros criam novas formas para se inserir dentro delas [...] Os modos de produção cedem lugar a outros, os momentos de cada modo se sucedem enquanto os objetos sociais por eles criados continuam firmes, e muitas vezes ainda com uma função na produção. (p. 138)

Bach (2009), afirma que grande parte das indústrias de conservas de frutas na zona rural de Pelotas era composta por pequenas fábricas tipicamente artesanais, geralmente localizadas junto à residência do proprietário, guardando, muitas delas, as características da casa da família. As instâncias do doméstico e do trabalho confundiam-se. Além disso, o autor afirma que a fábrica cumpria um papel social muito importante dentro da comunidade, pois, de acordo com relatos orais obtidos para sua pesquisa, pôde constatar que várias serviam de local para comemorar festas de casamento de familiares, bodas de prata, festas religiosas ou celebração de cultos dominicais. Portanto, segundo Bach, “o lazer do trabalhador colonial tinha na sociabilidade o ponto alto. Nos bailes, festas do colono, do pêssego, no futebol, enfim, em todos os eventos, a figura da rainha estava presente.” (p. 24).

O mesmo autor ainda aponta as formas de sociabilidade que se verificavam na colônia, destacando os bailes e os chás dançantes. Em relação aos bailes, afirma que os principais faziam parte de um calendário “oficial” – Baile de Natal, Baile de Ano Novo, Baile de Páscoa, Baile da escolha da rainha da colônia – um dos mais expressivos. Esses bailes tinham grande repercussão nas redondezas, já que vinham várias pessoas até de outros municípios. Nesse caso, o autor

identifica que o mesmo meio de transporte utilizado para o trabalho (carroça, ao menos na década de 1950) também servia para o lazer. Esses eventos tinham grande notoriedade na mídia também: há registros em jornais como o “Diário Popular”, e também na Rádio Cultura de Pelotas, em entrevista concedida ao autor.

Visto que a sociabilidade é uma categoria que possibilita compreender a relação entre as esferas da vida cotidiana e do trabalho (Mota, 2003), percebe-se, portanto, a significativa importância que atribuídos a esses espaços de sociabilidade, principalmente no que se refere ao período abarcado por esse trabalho. Deste modo, tem-se como foco central desta investigação identificar e analisar quais seriam esses espaços de sociabilidade, e qual a relação que pode ser estabelecida entre estes e o espaço fabril, na Colônia de Pelotas, no período caracterizado como o início, o apogeu e o declínio dessas fábricas, ou seja, de 1950 a 1970 (Bach, 2009; Caruso, 2008)

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Para esse trabalho de pesquisa, inicialmente será realizada uma pesquisa exploratória, buscando bibliografias relacionadas ao tema proposto a fim de construir o aporte teórico referencial.

Será realizada a pesquisa em jornais locais (como, por exemplo, o Diário Popular), que tragam notícias referentes às festas e bailes realizados na colônia no período relativo à esse estudo.

No que se refere às fontes primárias, será utilizada a técnica de entrevista, que será aplicado a indivíduos relacionados a essas unidades de produção e lazer. Também será utilizado como fonte de pesquisa, fotografias ou imagens que indiquem realização de comemorações e diferentes festividades no ambiente em questão.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando-se que a pesquisa se encontra em sua fase inicial, até o momento alguns textos já foram buscados em sites acadêmicos de busca<sup>1</sup>. Nestes foram encontrados excelentes trabalhos que servirão de referência futura para o presente estudo. Além disso, na pesquisa na Biblioteca das Ciências Sociais (ICH | UFPel), também foram encontradas bibliografias de referência.

A esta altura do trabalho foi realizada, ainda, uma análise prévia do acervo de entrevistas do Museu Etnográfico da Colônia Maciel. Neste acervo, encontram-se entrevistas com antigos moradores da região denominada “Colônia Maciel” que foram realizadas para a constituição do Museu, e que indicam possíveis entrevistados para este trabalho, bem como lugares de sociabilidade que também podem ser relacionados à esse estudo.

Como mencionado anteriormente, o recurso da entrevista (história oral) também será utilizado nessa pesquisa, no intuito de termos uma melhor compreensão acerca dos espaços de sociabilidade no cotidiano dessas pessoas relacionadas aos espaços fabris da colônia de Pelotas. No presente momento, está sendo realizado um roteiro para uma primeira entrevista, no sentido de que irá servir como ponto de partida para as próximas, no sentido de indicar outros

---

<sup>1</sup> <http://www.scielo.br>, <http://cj.uenp.edu.br>, <http://www.eeh2010.anpuh-rs.org.br>, <http://www.cfh.ufsc.br/>, <http://bdtd.ibict.br/>, entre outros.

possíveis entrevistados. Acredita-se que durante as entrevistas possa ser usado o recurso da fotografia, como elemento evocador de memórias, bem como documentação desses espaços de sociabilidade.

#### 4. CONCLUSÕES

Com este trabalho pretende-se ampliar o debate referente à memória cultural dessas comunidades, não perdendo de vista a diversidade que se apresenta nas manifestações culturais das mesmas.

As memórias recuperadas por ex-trabalhadores, patrões, enfim, pessoas que viveram o cotidiano dessa “paisagem industrial” (Bach, 2009) na colônia, também podem revelar o outro lado do trabalho, que eram as relações pessoais fortemente marcadas, bem como o lazer desse trabalhador colonial, que entre outras atividades, acontecia nos bailes nos salões coloniais.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACH, Alcir Nei. **O patrimônio industrial rural: as fábricas de compotas de pêssego em pelotas – 1950 à 1970**. 2009. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O trabalho e a festa: algumas imagens e palavras sobre o trabalho camponês. In: GODOI, Emilia P. de, MENEZES, Marilda A. de, MARIN, Rosa A. **Diversidade do Campesinato: expressões e categorias**. São Paulo, Ed. UNESP, 2009.

CARUSO, Cíntia de O. **A agroindústria familiar no extremo sul gaúcho: limites e possibilidades de uma estratégia de reprodução social**. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas.

GRANDO, Marinês Zandavalli. **Pequena Agricultura em Crise: O Caso da Colônia Francesa no Rio Grande do Sul**, 1990. (Tese) Porto Alegre: Fundação de Economia Estatística Siegfried Emanuel Heuser.

MOTA, Dalva Maria da. **Trabalho e Sociabilidade em espaços rurais: Os Trabalhadores da Fruticultura do Platô de Neópolis**. 2003. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco.

PANIS, Marcelo e OLIVEIRA, Melissa. Paisagem e arquitetura rural: O caso da região Pelotense/RS. **Labor & Engenho: planejamento, patrimônio e paisagem**, Campinas, v. 1, n.2, p.2-16, dez. 2008. Disponível em: <[www.labore.fec.unicamp.br](http://www.labore.fec.unicamp.br)>

PEIXOTO, Luciana S. **Memória da imigração italiana em Pelotas/RS. Colônia Maciel: lembranças, imagens e coisa**. 2003. (Monografia de Conclusão do Curso de História da UFPEL).

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2002.

Santos, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Editora Hucitec; 1986.

SANTOS, Roberta M. A. & Gonçalves, Margarete R. F. **Fábricas de doces coloniais de Pelotas (RS): entender o espaço para preservar seu patrimônio**. In.: Cadernos do CEOM – Ano 22, n. 31, p. 103-119, 2010.